

Negociações no mercado secundário

por Maria Clara R. M. do Prado
de Brasília

A dívida externa refinanciada com os bancos credores internacionais, no valor total de US\$ 49 bilhões, poderá ser objeto de negociações por parte do governo brasileiro no mercado secundário internacional. "Teremos condições a partir de agora de administrar melhor não só nossos ativos (as reservas internacionais do país) mas também nosso passivo (a dívida externa) através de alterações que poderão ser feitas em operações de mercado", declarou ontem o presidente do Banco Central, Pedro Malan, aos senadores da comissão de assuntos econômicos.

Aquela é uma prerrogativa prevista no atual acordo de renegociação com os bancos credores que difere das condições anteriores, já que o acordo de 1988 proibia ex-

pressamente a possibilidade de o governo brasileiro ir a mercado recomprar papéis de sua dívida externa.

Basta agora o país aguardar os próximos dois anos — período do "phasein", em que continuarão sendo aportadas garantias para o principal e os juros dos novos bônus oferecidos aos credores — para se lançar a mercado em operações de compra daqueles bônus.

Na verdade, o novo acordo abre para o país um largo espectro de possibilidade em termos de negociações em mercado. As próprias garantias representadas pelos "zero-coupon" bônus do Tesouro norte-americano também poderão ser transacionadas no mercado secundário de modo que o país possa tirar proveito de maiores benefícios, maximizando os ganhos entre os vários tipos de operações.

A nível do manejo das reservas, há por enquanto um certo cuidado a tomar face a possibilidade de ação legal que a família norte-americana Dart poderá ainda tomar acusando o Brasil de inadimplente. A família não aderiu ao novo acordo e tem US\$ 1,38 bilhão de créditos regidos pela negociação acertada com os bancos em 1988.

Malan indicou ontem que os Dart têm ainda a chance de ingressarem no novo acordo da dívida externa se assim o desejarem, desde que se submetam as condições colocadas para os demais credores. Uma negociação em paralelo com os Dart, segundo ele, não implicaria nenhum tipo de privilégio: "estou convencido de que será possível, através de negociações, chegar a um acordo (com os Dart) mas estamos preparados para qualquer eventualidade", disse ele.